

dos continentes parecem ter se desenvolvido dois pequenos grabens justapos-
tos a dois pequenos horsts sendo que, destes últimos, o mais externo (de
maior expressão) deve corresponder ao limite da crosta continental da re-
gião. Os sedimentos que se depositaram nestes grabens (provavelmente areias)
foram submetidos a uma fase erosiva no final deste ciclo sedimentar, como
sugere a superfície de erosão definida no seu topo. Recobrimo esta seqüên-
cia, provavelmente depositou-se uma seqüência Albiana-Paleocênica, corres-
pondente à fase carbonática das bacias marginais brasileiras, representada,
possivelmente, por calcilutitos e calcarenitos. Estas seqüências foram pos-
teriormente submetidas a duas fases erosivas principais, de idades provavel-
mente correspondentes ao final do Paleoceno e ao final do Oligoceno. A mais
antiga fica evidenciada, principalmente, por um profundo canal com cerca de
1 seg. (tempo duplo de reflexão) que recorta as seqüências anteriores, sen-
do preenchido por sedimentos regressivos de características turbidíticas. A
mais nova parece ter erodido e nivelado toda a superfície do platô, servin-
do de substrato para a seqüência possivelmente pelágica pós-oligocênica. Uma
tentativa de correlação destas seqüências sedimentares com as da Bacia Per-
nambuco-Paraíba é apresentada neste estudo.

A SEDIMENTAÇÃO EM CANYONS SUBMARINOS E DELTAS MARINHOS NO CENOMANIANO DA BACIA POTIGUAR

Joel C. de Castro
Maria Cláudia Viviers
Marília S.P. Regali
PETROBRÁS/CENPES

Durante o Neo-Albiano e Cenomaniano a sedimentação na porção leste da Bacia Potiguar é dominada por depósitos em onlap de canyon e de talude (Formação Ubarana), e por depósitos flúvio-deltaicos de plataforma (Formação Açu e Membro Quebradas). A seqüência de canyon e talude, depositada no Neo-Albiano e Eocenomaniano (intervalo III), está restrita ao canyon de Ubarana. Esta marcante feição fisiográfica originou-se pela combinação de uma paleotopografia reentrante da plataforma carbonática subjacente (Formação Ponta do Mel, intervalo II) com um rebaixamento acentuado do nível do mar após a deposição dos carbonatos. O preenchimento do canyon ocorreu em duas fases: inicialmente, através de terrígenos grosseiros, como conglomerados e arenitos maciços/gradacionais, diamictitos escuros com fragmentos carbonáticos, siltitos e folhelhos com Bathysiphon e Zoophycus, e também olistolitos resultantes da destruição dos carbonatos Ponta do Mel adjacentes ao canyon. A fase final de preenchimento é dominada por folhelhos e raros arenitos, de ambiente batial superior a nerítico externo. A sedimentação flúvio-deltaica subsequente ocorreu do Mesocenomaniano, na porção interna da atual plataforma, ao Neocenomaniano, na porção externa (intervalo IV); Esta sedimentação consta de duas fases: uma regressiva, com facies terrígenas associadas a ambientes flúvio-estuarino, transicional e nerítico ("frente deltaica-prodelta"), e uma transgressiva, com deposição flúvio-estuarina, transicional (crevasses, baías e praias) e marinha (folhelhos). A sedimentação deltaica ocorreu sob influência de marés e ondas, e a interdigitação entre os elementos flúviais e marinhos está ligada às oscilações do nível do mar. Culminando a fase transgressiva do intervalo IV tem lugar na Bacia uma nova etapa de sedimentação, representada pelos carbonatos de plataforma e de talude da Formação Jandaíra (intervalo V).

REVISÃO GEOLÓGICA DA PARTE ORIENTAL DA SUB-BACIA DE SOUSA - BACIA DO RIO DO PEIXE, PARAÍBA

Wilton Viana Barbosa Júnior
Ivonete Barreto da Silva
Roberto César dos Santos
Almany Costa Santos

Viviane Araújo Nóbrega
Carlos Augusto Cruz Pimentel
Jannes Markus Mabesoone
DG-UFPE

Uma recente revisão dos mapas geológicos existentes na bacia sedimentar intracontinental cretácea do Rio do Peixe (PB), mostrou que a geologia da área é mais complicada do que consta nos mapas publicados anteriormente. A revisão do mapeamento foi efetuada em escala de 1:40.000 e revelou os seguintes resultados: A atual subdivisão litoestratigráfica em (1) Grupo Rio do Peixe, com as formações Antenor Navarro (arenítica inferior), Sousa (microclástica média) e Rio Piranhas (arenítica superior), e (2) Formação Moura (cascalheiros da capa), continua sendo a mais adequada. A extensão da Formação Sousa na borda sul da área em apreço é maior do que se supôs anteriormente, inclusive com ocorrências de fósseis. Junto à falha de São Gonçalo, que constitui o limite sul da Bacia, ocorre, quase sempre, uma brecha de falha que inclui fragmentos até do arenito Rio Piranhas, o que confirma atividade tectônica pós-Grupo Rio do Peixe. Além dos sedimentos comuns, como: Formação Antenor Navarro, principalmente arenitos arciosianos; Formação Sousa, siltitos e folhelhos, com algumas camadas de calcário e arenito; Formação Rio Piranhas, arenitos líticos e feldspáticos; foram aí encontrados: seixos ou concreções de calcário microspáritico, acima dos arenitos Antenor Navarro, na borda leste da Bacia, embaixo da Formação Moura; sedimentos meso e microclásticos incoerentes, com coloração variada (comparáveis com os depósitos Barreiras da faixa costeira), manchas acima do arenito Rio Piranhas. Estas duas últimas litologias têm posição estratigráfica ainda incerta.

TECTÔNICA E SEDIMENTAÇÃO NA ÁREA DAS BACIAS DE SÃO PAULO E TAUBATÉ

Mário Sérgio de Melo - IPT
Sérgio Luís Vieira Caetano - IPT
Armando Márcio Coimbra - IG-USP

Estudos realizados na região da Bacia de São Paulo, extremidade sudoeste da Bacia de Taubaté e Soleira de Arujá (alto estrutural que separa as duas bacias) resultaram na redefinição da estratigrafia dos sedimentos cenozóicos e da evolução tectônica da área. As bacias são depressões tectônicas preenchidas com sedimentos que apresentam idade Eocênica Média a Oligocênica Inferior, podendo ser separados em quatro facies distintas: 1) facies fan glomerática, de leques aluviais coalescentes, particularmente bem desenvolvidos, junto às falhas da borda norte das bacias; 2) facies apresentando lamitos de porções distais de corridas de lama, ocorrendo na transição entre leques aluviais e planície; 3) facies de planície de sistema fluvial anastomosado, que é a mais largamente distribuída na área; 4) facies lacustre, com ocorrência restrita a porções interiores da Bacia de São Paulo. Esta última apresenta constituição semelhante aos sedimentos mais típicos da Formação Tremembé da Bacia de Taubaté, e é sincrônica a ela. É provável que as duas unidades sejam correlacionáveis. As estruturas encontradas na área revelam uma fase principal de tectônica tradicional pré-Eocênica, que prosseguiu durante a sedimentação, responsável pelo desenvolvimento de falhamentos normais e configuração das bacias de deposição. Após a sedimentação, provavelmente durante o Plioceno, houve nova fase tectônica, desta vez com caráter compressivo, responsável pela deformação dos sedimentos e reativação das descontinuidades preexistentes. A estratigrafia, o padrão estrutural local e a evolução geológica definidos a partir dos estudos realizados resultam em modelo que modifica as proposições anteriores, relacionando interpretações sobre evolução tectônica, distribuição faciológica, padrão de estruturas e zoneamento da atividade sísmica residual da área.

GEOLÓGICA DAS UNIDADES CRETÁCIAS DA ÁREA COMPREENDIDA ENTRE LAGOA FORMOSA E CARMO DO PARANAÍBA - MG

Lúcia Castanheira de Moraes - IG-UFMG
Hildor José Seer - UFOP